

**ECOSSISTEMAS EDUCATIVOS, SABERES E IDENTIFICAÇÕES
DO LUGAR: MANGUEZAL E ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DE
SAUBARA-BAHIA**

**KNOWLEDGE EDUCATIONAL, ECOSYSTEMS AND PLACE
IDENTIFICATIONS: MANGROVE AND ASSOCIATION OF
ARTISANS OF SAUBARA-BAHIA**

**CONOCIMIENTO ECOSISTEMAS EDUCATIVOS, E
IDENTIFICACIONES DEL LUGAR: MANGLAR Y ASOCIACIÓN DE
ARTESANOS DE SAUBARA-BAHÍA**

Inadja Elizabete Nogueira Souza Vieira¹

RESUMO

Nas últimas décadas, observamos a ocupação de territórios das comunidades tradicionais pelas diversas atividades industriais e de plantio que visam o desenvolvimento econômico, muitas vezes, desprezando a importância ambiental e social do *lugar*². Apropriação que interfere diretamente na sobrevivência das comunidades tradicionais. Nesse sentido, ao descrever os *ecossistemas educativos*³ o manguezal e a Associação dos artesãos de Saubara-Bahia, lugares de saberes e identificações, o presente artigo busca compreender como os modos de vida se sedimentam, levando os atores sociais a desenvolverem estratégias para o desenvolvimento local, reforçando atitudes identitárias de resistência e defesa da manutenção do lugar de vida, auxiliando o processo de educação ambiental.

Palavras-chave: Ecossistemas educativos. Desenvolvimento local. Manguezal.

ABSTRACT

In the last decades, we have observed occupation of territories of traditional communities by various industrial and planting activities that aimed at economic development, often neglecting the environmental and social importance of the place. Appropriation that directly interferes with the survival of communities. In this sense, when describing the educational ecosystems, the mangrove and the Association of artisans of Saubara-BA, places of knowledge and identifications, we seek to understand how ways of life settle, leading social actors to develop strategies for local development, reinforcing attitudes

¹ Mestra em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Especialista em Gestão e Educação Ambiental pela Faculdades Integradas Ipitanga (FACIIP). Professora efetiva da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. E-mail: inadja.vieira@gmail.com

² O conceito de lugar utilizado na pesquisa compreende-se o definido por TUAN (2013) como espaço que se adquire afeição e sentimento a partir de suas experiências e vivências.

³ Ecossistemas educativos definido por CANDAU (2000) são espaços educativos formais e não formais.

resistance and defense of the maintenance of the place of life, helping in the process of environmental education.

Key-words: Educational ecosystems. Local development. Mangrove.

RESUMEN

En las últimas décadas, hemos observado la ocupación de territorios de comunidades tradicionales por las diversas actividades industriales y de siembra orientadas al desarrollo económico, descuidando muchas veces la importancia ambiental y social del lugar. Apropiación que interfiere directamente con la supervivencia de las comunidades tradicionales. En este sentido, al describir los ecosistemas educativos el manglar y la Asociación de artesanos de Saubara-Bahía, lugares de conocimiento e identificaciones, este artículo busca comprender cómo se asientan las formas de vida, llevando a los actores sociales a desarrollar estrategias de desarrollo local, reforzando actitudes identitarias de resistencia y defensa del mantenimiento del lugar de vida, asistiendo al proceso de educación ambiental.

Palabras clave: Ecosistemas educativos. Desarrollo local. Manglar.

INTRODUÇÃO

As questões ambientais há muito tempo têm sido objeto de estudo para pesquisadores e educadores, no que diz respeito ao ensino e à forma de trabalhar os conhecimentos científicos. Embora os problemas ambientais possuam desdobramento global, é o ser humano o protagonista das relações sociais que modificam a natureza e são por ela modificadas.

No que se refere à conservação da natureza, Diegues (2008, p.71) reconhece que nesse âmbito ocorre o confronto de dois saberes: o *tradicional* e o *científico-moderno*. No primeiro, “[...] está o saber acumulado das populações tradicionais, referente aos ciclos naturais, à reprodução e migração da fauna, à influência da lua nas atividades de corte de madeira, da pesca [...] tendo em vista a conservação das espécies”. No segundo, “[...] está o conhecimento científico, oriundo das ciências naturais que não apenas desconhece, mas despreza o conhecimento tradicionalmente acumulado”.

Candau (2000) afirma que os ecossistemas educativos são construídos a partir de práticas educativas e de educação não formal e, concretamente, da educação popular. Uma vez que os processos educativos se desenvolvem a partir de diferentes configurações “[...] a pluralidade de espaços, tempo e linguagens deve ser não somente reconhecida, como promovida” (CANDAU, 2000 p. 13).

Revista Educação e Ciências Sociais, Salvador, v.3, n.5, 2020.

Diante das inúmeras situações de contaminação e degradação ambiental, que se configura racismo institucional e ambiental⁴ contra as comunidades quilombolas e pesqueiras, se faz necessário entender como os ecossistemas educativos mantêm saberes e identificações e quais estratégias, valores e práticas encontradas na comunidade apontam caminhos para o enfrentamento e superação dos problemas ambientais vivenciados na atualidade. É relevante entender como a comunidade produz dinâmicas pedagógicas que articulam identificações com o lugar, lastro de resistência e mobilização em defesa do ambiente.

Neste trabalho, apresentamos fragmentos da observação participante fruto da pesquisa de mestrado concluída em 2018, intitulada *Manifestações Culturais de Saubara-Bahia: Contribuições para preservação de ecossistemas manguezal*, que versa sobre, Saberes de pescadores e marisqueiras, mediadores da convivência junto aos manguezais, reforçados nas manifestações culturais da comunidade, que criaram as condições necessárias para o desenvolvimento de atitudes efetivas de educação ambiental, auxiliando o processo de preservação do ecossistema manguezal.

De acordo com Humberto Maturana e Francisco Varela (2001), o processo de conhecimento é produzido pelos seres humanos de forma integrada com o meio e com outros seres vivos, em forma dinâmica e circular entre autoprodução e dependência de recursos externos, essa produção forma nichos emocionais e racionais, que alimentam vínculos de pertencimentos, resultando em situações de ensino e aprendizagem.

Um importante documento gerado em 1975, a Carta de Belgrado, chama atenção para a necessidade de um novo tipo de educação. E, no que diz respeito às diretrizes da Educação Ambiental, alerta para a necessidade de se considerar o ambiente em sua totalidade, incluindo aspectos naturais e criados pelo homem: ecológico, econômico, tecnológico, social, legislativo, cultural e estético. A proposta que se depreende desse documento implica uma Educação Ambiental pautada na valorização dos conhecimentos das populações, na linguagem, na diversidade cultural, nos valores e nos diálogos intergeracionais, visando a construção de um conhecimento crítico, contextualizado e

⁴ Racismo ambiental é o conjunto de ideias e práticas das sociedades e seus governos, que aceitam a degradação ambiental e humana, com a justificativa da busca do desenvolvimento e com a naturalização implícita da inferioridade de determinados segmentos da população afetados – negros, índios, migrantes, extrativistas, pescadores, trabalhadores pobres, que sofrem os impactos negativos do crescimento econômico e a quem é imputado o sacrifício em prol de um benefício para os demais. (BULLARD, 2005: s/p.)

participativo, e não apenas pautada em conhecimentos científicos, já que as questões ambientais estão intimamente ligadas às questões sociais e culturais.

Seguindo a orientação de Candau (2000), enquanto educadores, devemos [...] liberar o potencial transformador das práticas educativas, ampliando sua concepção e multiplicando o *locus* de promoção, afirmando diferentes ecossistemas educativos. (p.13). Nesse sentido, a ideia de educação para o desenvolvimento proposta por Dawbor (2006), está vinculada na necessidade de formar pessoas capazes de participar de forma ativa na transformação do seu entorno e gerar dinâmicas construtivas.

Entendemos que o manguezal e a associação dos artesãos de Saubara-Bahia podem ser compreendidos como ecossistemas educativos, lugares de saberes e identificações, território e espaços em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história dos atores sociais plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência.

O município de Saubara, localizado no Recôncavo Baiano, é constituído por mais dois distritos, Cabuçú e Bom Jesus dos Pobres, distante 98 km de Salvador por rodovia e menos de 20 km via náutica. Situado no interior da Baía de Todos os Santos, próximo à foz do Rio Paraguaçu. A cidade possui intensa atividade de pesca artesanal e mariscagem e nos apresenta uma diversidade de manifestações culturais, realizadas por moradores da cidade: agricultores, pescadores e marisqueiras, seus filhos, netos e bisnetos.

A relação de afetividade com os manguezais se apresenta nas narrativas dos moradores. Reproduzem símbolos na cidade, expressos nos gradis de casas, nas letras dos sambas de roda, em instalações à porta de residências, nas rendas, na construção da Igreja do padroeiro da cidade de frente para maré. Afeição, familiaridade e intimidade com o mangue, dão a sensação de pertencimento ao lugar. E como afirma Tuan (2012), o lugar ou ambiente são produtores de imagem para a topofilia, pois esta é mais que um sentimento difuso. O ambiente fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias.

METODOLOGIA

Revista Educação e Ciências Sociais, Salvador, v.3, n.5, 2020.

Aprofundar o conhecimento acerca do *locus* pesquisado e atribuir caráter científico às observações foram os passos principais da pesquisa. Diferentes ferramentas foram acionadas para montar a base metodológica da pesquisa e proximidade do fenômeno estudado: observações, conversas informais, banco de imagens, questionário, entrevistas e nota de campo. Pois, conforme afirmam Bogdan e Biklen (1994, p.47), os estudos que recorrem à observação na investigação qualitativa têm como característica o fato de que a “[...] fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal”. Assim, a percepção dos acontecimentos ou ações poderiam ser melhor compreendidas, pois foram observadas no seu ambiente de ocorrência.

O trabalho de campo desenvolvido nos manguezais em Saubara, junto às marisqueiras, foi um dos momentos mais marcantes da pesquisa. Significou mergulhar em um mundo onde a natureza possui diversos significados. Uma realidade que revelou muitas possibilidades de interpretações e análises, uma vez que as atividades laborais e recreativas que ali se constituem, marcam um universo social atravessado por questões de gênero, cultural, ambiental e econômico.

Observei e anotei tudo da forma mais minuciosa possível. Construí um diário com anotações de campo. Tudo foi registrado para melhor descrição dos fenômenos observados, considerando indicações de Jaccoud e Mayer (2014, p.274), quando afirmaram que “[...] as anotações registradas durante a observação possibilitam tanto uma ‘descrição narrativa’ quanto uma melhor compreensão dos fenômenos observados [...]”.

As conversas, os relatos de experiências vividas por marisqueiras e pescadores junto aos manguezais, permitiram descrever os modos de vida conforme recomenda Maurice Merleau-Ponty (2011, p.3): “[...] descrever, não de explicar nem de analisar”.

Durante a pesquisa, a câmera fotográfica foi uma fiel companheira, uma vez que os registros fotográficos permitiram um olhar descritivo, construindo um banco de imagens e vídeos como forma de registro de tudo o que foi percebido, congelando momentos, relações e comportamentos que não podem ser recriados verbalmente, pois em algumas ocasiões as imagens dizem mais que as palavras. Para Mauad (1996, p.73), a fotografia é “[...] uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real [...]”, que incitou a minha imaginação, a partir da materialidade da imagem.

Revista Educação e Ciências Sociais, Salvador, v.3, n.5, 2020.

O MANGUEZAL

O manguezal é um ecossistema costeiro associado ao Bioma Mata Atlântica, reconhecido como Reserva da Biosfera pela UNESCO. Local de transição entre os ambientes terrestre e marinho, típico de regiões tropicais e subtropicais, sujeito ao regime das marés, apresenta extrema importância ecológica, simbólica e é vital para a sustentabilidade dos recursos pesqueiros e para as comunidades que vivem em seu entorno. É no manguezal que muitas espécies de peixes e crustáceos iniciam seus ciclos de vida, conhecido como berçário do mar, criadouro de diversas espécies de animais e vegetais, além de possuir alta capacidade de reter nutrientes e poluentes, e ser área de recreação e lazer.

Por ocasião do primeiro Dia Internacional para a Conservação do Ecossistema de Mangue, 26 de julho de 2016, a diretora geral da UNESCO, Irina Bakova, proferiu a seguinte mensagem:

Os mangues são ecossistemas raros, prolíficos e espetaculares, nos limites entre a terra e o mar. Eles garantem a segurança alimentar para as comunidades locais. Eles oferecem biomassa, produtos silvestres e sustentam as atividades pesqueiras. Eles contribuem para a proteção dos litorais. Eles ajudam a reduzir os efeitos da mudança climática e dos eventos climáticos extremos (UNESCO, 2016⁵).

As florestas de manguezal, segundo Schaeffer-Novelli (1995), estão distribuídas ao longo do litoral brasileiro, tendo uma extensão de 7.408 km, diversificando-se entre a desembocadura do Rio Oiapoque (04o52'45"N) e o Arroio Chuí (33o45'10"S) com uma gama de ecossistemas, que varia entre campos de dunas, ilhas, recifes, costões rochosos, baías, estuários, brejos, falésias e baixios.

Durante os anos 1940, devido aos surtos de febre amarela e malária, os manguezais foram associados a estas enfermidades. Embora as doenças já tenham sido

⁵ UNESCO. **Dia Internacional para a Conservação do Ecossistema Mangue.** Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/singleview/news/first_international_day_for_the_conservation_of_the_mangrove/>. Acesso em: 13 de jun. 2017.

controladas, atitudes negativas e depreciativas em relação ao ecossistema perduram, e a palavra “mangue”, infelizmente, teve seu sentido associado à desordem e sujeira.

Os impactos negativos sobre os manguezais, segundo Lacerda (2002), são intensos e diversificados: o desmatamento para implantação industrial, urbana e turística; a contaminação por substâncias químicas; disposição de resíduos urbanos sólidos. Por diferentes razões e propósitos, os manguezais passaram por uma enorme destruição, causando a degradação e desertificação onde antes havia ricas florestas tropicais, cheias de fauna e de vida.

“Durante a década de 1970, com o acelerado desenvolvimento urbano do litoral brasileiro, diversas áreas de manguezal foram apropriadas para a construção de marinas e projetos turístico-imobiliários, [...] principal ameaça aos manguezais em grande parte do litoral brasileiro” (LACERDA, 2002, p. 204).

As plantas encontradas neste ecossistema são popularmente conhecidas como mangues. A diversidade de espécies de plantas associadas aos manguezais depende das condições climáticas regionais. “A flora dos manguezais é constituída por um pequeno número de espécies exclusivas desse ecossistema e de espécies associadas [...]. Entre as espécies restritas aos manguezais encontram-se: a Rhizophoraceae *Rhizophora mangle* L., as Avicenniaceae *Avicennia germinans* L. e *Avicennia schaueriana* Stapf. & Leech. e a Combretaceae *Laguncularia racemosa* R. (Gaertn), árvores mais frequentes nos manguezais do Brasil” (LACERDA, 2002, p.197).

Quanto à fauna, a diversidade existente nesse ecossistema é muito grande. Lacerda (2002), agrupou em quatro grupos funcionais distintos: 1- *Espécies diretamente associadas às estruturas aéreas das árvores*. Exemplos: Aratu do mangue (*Aratus pisionii*), o caracol da folha (*Littorina angulifera*) e a ostra do mangue (*Crassostreaa rhizophorae*), e aves. 2- *Espécies que habitam o ambiente terrestre, mas que visitam periodicamente os mangues à procura de alimento*. Exemplos: Grupo representado por mamíferos, “cachorro” comedor de caranguejo (*Prcyon cancrivoru*), por lontras (*Lutra enudris* e *L. platensis*). Ainda como visitantes frequentes [...] o jacaré, (*Caiman latirostris*), e diversas espécies de micos e macacos. 3- *Espécies que vivem nos sedimentos de manguezais e/ou nos bancos de lama adjacentes*. Este grupo inclui o maior número de espécies. Particularmente de crustáceos e moluscos. Representantes típicos desse grupo

Revista Educação e Ciências Sociais, Salvador, v.3, n.5, 2020.

são os caranguejos *Cardisoma guainhumi*, *Ucides cordatus*, o sururu *Mytella guyanensis*, os bivalvos *Anomalocardia brasiliiana* e *Iphigenia brasilienses* e o gastrópode *Mellampus coffeus*. 4- *Espécies marinhas que passam parte do seu ciclo de vida nos manguezais*. Animais expressivos desse grupo por sua importância econômica são os camarões, *Penaeus schmittii* e *P. rasiliensis*, e diversos peixes, em particular tainhas (*Mugil spp.*) e anchovas (*Engraulidae*); nesse grupo encontra-se também o peixe-boi marinho, *Trichechus manatus* (LACERDA, 2002, p. 200).

Podemos listar diversas funções desempenhadas pelas florestas de manguezais: área de abrigo, reprodução para várias espécies, constitui a base da cadeia trófica⁶ com espécies de importância econômica e/ou ecológica, fonte de matéria orgânica particulada e dissolvida para águas costeiras adjacentes, proteção da linha da costa contra erosão, prevenção de inundações, manutenção da biodiversidade da região costeira, fonte de proteína e produtos diversos associados, fonte de recreação e lazer, associada a seu apelo paisagístico e valor cênico.

O manguezal é um ecossistema de importância socioeconômica e ambiental, cuja fração considerável da área já foi suprimida (e continua a ser) por diversas atividades humanas, ainda que protegidos por distintos dispositivos legais como a Constituição Federativa do Brasil de 05 de outubro de 1988, que define a Zona Costeira como patrimônio nacional e toda sua extensão como Áreas de Preservação Permanente (APP). A destruição dos manguezais leva a um empobrecimento desastroso para os seres humanos e as maiores perdas estão sempre nas áreas:

De saúde e educação da população humana, na queda da produção pesqueira, na perda cultural de sabedoria tradicional e no desaparecimento sub-reptício de todos os serviços que os manguezais saudáveis prestam silenciosamente e ininterruptamente. Cortem os manguezais e não haverá somente deserto, mas, pior ainda, haverá desertos poluídos (VANNUCCI, 2002, p.16).

A relação de afetividade com os manguezais se apresenta nas narrativas dos moradores. Reproduzem símbolos na cidade, expressos nos gradis de casas, nas letras dos

⁶ Cadeia trófica ou cadeia alimentar. Os organismos estabelecem relação de alimentação em um ecossistema. A cadeia é composta por produtores, consumidores e decompositores.

sambas de roda, em instalações à porta de residências, nas rendas, na construção da Igreja do padroeiro da cidade de frente para maré. Afeição, familiaridade e intimidade com o mangue, dão a sensação de pertencimento ao lugar. E como afirma Tuan (2012), o lugar ou ambiente são produtores de imagem para a topofilia, pois esta é mais que um sentimento difuso. O ambiente fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias.

MÃOS DE MULHERES

Mãos de mulheres que da lama da maré retiram o sustento são as mesmas que tecem finos fios de algodão, em linda e habilidosa dança com dedos⁷ e bilros no solo das coloridas almofadas de chita. Em breve os fios serão bela renda, rendas que irão pelo mundo ornar altares e noivas. É muito comum em regiões do nordeste brasileiro, em cidades próximas do mar e da maré, ouvir a frase “onde há redes, há rendas”.

As mãos são muito mais eficazes que os pés dada força e habilidade, o que confere aos humanos a capacidade de manusear as coisas. O sistema háptico⁸, vai além do tato, permite a comunicação ou exploração ativa do ambiente e está relacionado diretamente com a percepção de textura, o macio e o áspero, o quente e o frio, força e movimento. Conforme Tuan (2012, p. 24): “[...] ver não é ainda acreditar: por isso Cristo se ofereceu para ser *tocado* pelo apóstolo incrédulo”, demonstrando a importância desse sistema nos trabalhos realizados com as mãos.

Mulheres e meninas agachadas, calmamente cavam o solo lamacento que vai aos poucos exibindo o bebe-fumo, molusco que, de um a um, enche as mãos das mulheres, os baldes, as panelas e sacos. A calma é deixada para trás quando a maré começa a encher. Em breve as águas estarão de volta, expulsando-as, e logo inundarão todo o manguezal outra vez, em uma alternância entre o seco e o molhado.

⁷Dentre as características comuns em primatas está a de possuir cinco dedos nas mãos e nos pés.

⁸ O sistema háptico está relacionado com a percepção de textura, movimento e forças através da coordenação de esforços dos receptores do tato, visão, audição e propriocepção. (LABTATE – Laboratório de Cartografia Tátil e Escolar. Disponível em <http://www.labtate.ufsc.br/ct_mapas_tateis_sistema_haptico.html>. Acesso em 2017).

As brincadeiras de crianças no mangue e na maré contribuem para que os mais jovens adquiram intimidade e familiaridade com o lugar. Aprendizagens quanto aos domínios da natureza, dos ventos, das marés, da mariscagem e da pesca estão presentes ao longo da infância dessas crianças e são transmitidas pelo convívio com os mais velhos, detentores dos saberes que parecem permanecer inalterados para aqueles pequenos que acompanham e ajudam os mais velhos na labuta na maré e/ou nas manifestações culturais.

A atividade pesqueira e de mariscagem é praticada há muitos séculos, exercida em sua maioria por indígenas, portugueses e africanos, o que faz da pesca e mariscagem uma herança histórica. Para efeito desse estudo, notamos que o ambiente é dominado pela presença do feminino. As atividades realizadas nos manguezais se mostraram exclusivamente de mulheres que cotidianamente fazem a coleta artesanal de crustáceos e moluscos em áreas de manguezais, as marisqueiras. A labuta na maré se apresenta como uma rede de sociabilidade e símbolos, marcando o sentimento de pertença ao lugar, em uma relação de alternância entre o seco e o molhado, separação entre a terra e o mar, entre o passado e o presente. Em atividades que me parecem ser reguladas, em grande medida, pelo regime das marés, pela lua, chuva e sol.

Caminhando pela cidade de Saubara, durante o período de ciclos lunares, percebo o principal uso dos manguezais, no aproveitamento de seus produtos na pesca e na mariscagem. Tal percepção, reforçada por Vannucci (2002), reafirma que os ciclos lunares e de maré regulam grande parte da periodicidade da vida animal, nos permitindo inferir que a vida das marisqueiras também é regulada pelas marés, pelas luas e chuvas.

As marisqueiras desempenham papel importante no processo cultural e econômico, visto que sua atividade envolve relações de trabalho e resistência, perpetuando memórias transmitidas por gerações, marcando aspectos de luta pela sobrevivência. O que reforça o significado de lugar, responsável pela constituição de sentimento de pertença, criando as condições necessárias para o desenvolvimento de atitudes efetivas de sensibilização e educação ambiental, auxiliares ao processo de preservação do ecossistema manguezal.

Embora se reúnam em grupos, a organização do trabalho dessas mulheres na mariscagem é autogestionária. O ato da coleta e o produto do bebe-fumo, siri, samba e/ou

caranguejo é individual, cada uma tem direito à porção que coletou na maré. A produção é utilizada para consumo próprio e para a comercialização.

Durante o verão, devido à alta movimentação turística na região das praias, algumas marisqueiras criaram alternativas para a venda do pescado como forma de ganhar um pouco mais de dinheiro na alta estação. O beneficiamento dos mariscos no preparo de moquecas agrega valor. Segundo dona Marinalva, o quilo do bebe-fumo (*Anomalocardia brasiliensis*) *in natura*, é negociado com os comerciantes da cidade por R\$ 20,00; já o prato da moqueca com acompanhamentos, vatapá e arroz, é vendido aos banhistas e turistas nas praias de Cabuçú e Bom Jesus dos Pobres com o preço entre R\$ 12,00 e R\$15,00, gerando um lucro que ela considera significativo, uma vez que o quilo de marisco processado lhe rende entre dez ou doze porções ou pratos.

Boaventura Santos (2002), nos chama a atenção para a importância de voltar o olhar a experiências bem sucedidas de desenvolvimento local, desde atividades de produção artesanal até prestação de serviços, passando por iniciativas culturais destinadas a desenvolver laços de solidariedade nas comunidades. Para Mutim (2007) “os espaços públicos são vistos como arena de interações sociais e de construção de identidades onde são forjadas as demandas gerais de comunidades”.

Como afirma o professor Milton Santos (1999), o território não é apenas um conjunto de sistemas naturais e de coisas superpostas, “O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence, e o território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 1999, p.7).

No exercício da vida cotidiana, os seres humanos, ao tentarem reviver o passado, recordando vestígios que insistem em se atualizarem, traduzem a vida e os sentimentos, ativados por lembranças, por histórias de lugares ou territórios e tempos. E assim, tais exercícios se convertem em estratégias identitárias, “os modos de vida, as maneiras de ser, de pensar, de se situar, de se comportar em relação aos outros é a natureza” (MAFFESOLI, 2012 p.16). Memória e identidade se entrecruzam e se reforçam mutuamente.

As lembranças guardadas nos corpos e transmitidas por gerações desenvolveram práticas cotidianas de resistência na reprodução e manutenção de modos de vida. E assim, tais exercícios se convertem em estratégias identitárias “[...] se identificar como comunidade, a administrar conjuntamente problemas que são comuns. Este “aprender a colaborar” se tornou suficientemente importante para ser classificado como um capital, uma riqueza de cada comunidade, sob forma de capital social” (DOWBOR, 2006, p.4).

Mutim (2007), considera que os processos educativos desenvolvidos dentro ou fora do ambiente escolar precisam estar articulados para que efetivamente ocorra o processo de gestão e desenvolvimento local sustentável. Salienta a importância do papel da universidade no desafio de gerar uma rede para operar pedagogicamente no sentido de preparar e orientar indivíduos e coletividade, para alcançar as metas necessárias na relação educação, gestão e desenvolvimento sustentável.

A CASA DAS RENDEIRAS

A atividade de entrelaçar fios no mundo da pesca é marcada pelo fazer redes. Em Saubara, fazer rede e renda se revela uma herança familiar, tradição local, uma prática centenária na cidade, um saber que se transmite por gerações. Segundo Santos (2011, p. 53), podemos entender a tradição como “[...] aquilo que persiste do passado no presente [...]”, uma vez aceita pelos que as recebem são “[...] reformuladas em função do contexto histórico [...]” e transmitidas por gerações, marcada por um sentido de pertencimento e identificação.

Conforme Dowbor (2006), o desenvolvimento está em nossas mãos, podemos ser donos da nossa própria transformação econômica e social. Os atores sociais passam a se identificar como comunidade e administrar conjuntamente problemas que são comuns, pois só as pessoas que vivem na localidade, que a conhecem efetivamente, é que sabem realmente quais são as necessidades mais prementes, os principais recursos subutilizados”. Para Nunes, Santos e Barreto (2015), na abordagem social e cultural do cooperativismo destacamos a importância que os associados alcancem uma melhoria de vida através do esforço comum, coletivo e o mais igualitário possível e justo.

A criação de sindicatos e cooperativas busca a organização dos trabalhadores na tentativa de pôr fim a pobreza e miséria muitas vezes desencadeada pelo sistema capitalista.

Costa e Melo Neto (2006), chama a atenção e destaca a importância da educação, treinamento e informação aos sócios nos princípios do cooperativismo. Uma vez que o cooperativismo é visto como um trabalho voltado ao desenvolvimento sustentável para as comunidades, pautado pela economia solidária, orientada por políticas aprovada por seus membros, definindo sua própria autogestão.

Costa e Melo Neto (2006), entende que no sentido educativo, os grupos se educam em decorrência de sua práxis de mudanças. A educação é uma condição que permeia todas as demais. “É definidora do conhecimento de novas formas de se poder viver que não apenas as estabelecidas nos marcos das relações capitalistas, acompanhada de um rigoroso processo de capacitação nas dimensões gerais de uma educação popular” (p.84).

A Casa das Rendeiras foi fundada em 1992, com o apoio financeiro de uma senhora italiana chamada Antonina Néri, época que em Saubara não faltava trabalho para as rendeiras. Em 1999, a Casa das Rendeiras passou a se chamar Associação dos Artesãos de Saubara, juntando o trabalho das trançadeiras de palha. Nesse período contava com 110 associadas, sendo que atualmente, possui 53 artesãs na ativa, 28 são rendeiras e 25 são trançadeiras da palha. A associação além de buscar mercado para os produtos, fornece a linha para as associadas e quando o produto é vendido, retiram-se os custos, uma parte é para os fundos de manutenção da entidade e o restante vai para as artesãs. A economia solidária está pautada na gestão coletiva exercida pelos trabalhadores, o que demanda trabalhadores mais qualificação, motivação e consciência do seu papel na sociedade.

Maria, rendeira e coordenadora da Associação, acredita que a queda no número de associadas se dá devido à crise que o país atravessa, como um reflexo na baixa das vendas e, conseqüentemente, na produção: “[...] não estamos vendendo nada nesses momentos de baixa nas vendas. As mulheres valem-se da maré, toda rendeira aqui é pescadora e marisqueira, o marisco é nossa fonte de renda, primeiro vamos para maré, e à tarde é para cuidar do marisco e fazer a renda e o artesanato. Quando a maré é baixa, saímos para mariscar, quando ela sobe, é hora de tramar”. Quanto ao retorno financeiro, Maria de Carmo disse que a vantagem do marisco sobre o artesanato é que o retorno é imediato: “[...] catou, limpou, vendeu o marisco e o dinheiro tá na mão”. Santos, (2002 p.48) afirma que “as alternativas de produção são, então, iniciativas híbridas. São uma amálgama complexa de atividades muito diversas”.

Revista Educação e Ciências Sociais, Salvador, v.3, n.5, 2020.

Maria explica que, embora a produção da renda seja contínua, muitas vezes demora a ser vendida e possui um custo de produção alto, devido o preço das linhas utilizadas. Em Saubara, as rendeiras utilizam a linha do tipo mercê crochê 100% algodão – escolha que lhes confere uma qualidade inigualável de renda de bilro produzida no país.

Vencedoras pela segunda vez do prêmio Top 100 de Artesanato, premiação promovida pelo Sebrae, que identifica e premia as 100 unidades produtoras de artesanato mais competitivas do Brasil, considerado o Oscar do artesanato brasileiro, Maria ressalta que a grande importância desse prêmio se dá pelo reconhecimento de uma tradição que buscam manter viva na cidade. O prêmio foi recebido pela primeira vez em 2004 e o segundo em 2016. Maria salienta ainda que essas premiações, bem como as reportagens produzidas por programas de televisão, fazem com que alguns jovens se sintam valorizados e busquem manter a tradição da renda. Para a design de moda Marcia Ganem, “[...] a exposição sobre a cultura tradicional é um elemento fundamental para o reconhecimento da comunidade da sua percepção de autoestima” (GANEM, 2016, p. 94).

As atividades econômicas fornecem o sustento e o incentivo material, enquanto o sentimento de pertença e os processos de educação e integração social gerados à volta delas fornecem a energia e o entusiasmos necessário para que os participantes persistem e a alternativa não se desmorone ou se desvirtue (SANTOS, 2002, p.48).

O mangue é considerado porto seguro dessas mulheres, pois concebem os manguezais fonte segura de alimento, pois quando não há clientes para comprar as rendas, existe a certeza que o mangue lhes proverá o alimento, como relata a marisqueira: “[...] quando não tem nada em casa, vou no mangue, qualquer coisa eu trago”. O universo da vida cotidiana dessas mulheres é cercado por elementos da natureza: as águas, as conchas, os pescados, a vegetação, elementos que permeiam o processo criativo do trabalho da renda. Em 2008, Saubara foi ambientalmente atingida pelo fenômeno natural da maré vermelha, inviabilizando a pesca e a mariscagem, principais atividades da população local:

O fenômeno da maré vermelha é um fenômeno natural que se caracteriza pela floração excessiva de certos tipos de algas. O professor Oberdan Caldas, pesquisador do Instituto de Biologia e um dos responsáveis pelo laudo do CRA, aponta como causa do problema o enriquecimento nutricional da Baía de Todos os Santos, que estimula a proliferação das algas. O desastre ecológico deixou clara a

Revista Educação e Ciências Sociais, Salvador, v.3, n.5, 2020.

vulnerabilidade econômica da região, formada por dezenas de municípios e localidades dependentes do mar. No município de Saubara, por exemplo, 60 a 70% da população é de pescadores ou marisqueiras (SANTOS, 2007⁹).

Nesse momento tão difícil para a população da cidade, a *design* de moda Márcia Ganem desenvolveu um projeto de criação de novas tipologias de renda, a partir das técnicas tradicionais, um trabalho de *ecodesign*, com o reuso da fibra de poliamida, a partir da substituição do fio de algodão. A nova técnica desenvolvida junto as Rendeiras de Saubara, manteve a forma tradicional da renda com a inovação de materiais, gerando novo produto e incorporando valores ambientais. Para as rendeiras, época de muito trabalho e ganho, ficou a saudade de um tempo bom, de muito esforço conforme narrativa da marisqueira Lenira: “[...] na época em que Márcia Ganem entrou em Saubara, deu muito trabalho para casa das rendeiras, fiz muita renda, cliente hoje tá difícil, parou, tá parado”.

A renda Flor da Maré, como explicou Ganem (2016, p.50), possui a mesma base técnica da renda de bilro, a inovação está na forma e no desenho, construído exclusivamente de flores. A argumentação fundamental para o campo da inovação é o universo simbólico dos grupos tradicionais, pautado na vida cotidiana, no trabalho, nas relações pessoais, na religiosidade, nas festividades, na geografia e na história. A coleção Flor da Maré foi lançada no Brasil e em seguida em Madrid, Londres e Japão, uma alternativa produtiva para as marisqueiras rendeiras escoarem seus produtos em mercado nacional e internacional.

Para Santos (2002), as formas alternativas de produção deram formas às economias solidárias, embora estejam fundadas em valores capitalistas operam como unidades capazes de competir no mercado, as cooperativas de trabalhadores facilitam de fato a participação de trabalhadores-proprietários, estimulando o crescimento econômico e diminuindo os níveis de desigualdades e fortalecendo laços de solidariedade e identificação.

⁹ SANTOS, Nina. A natureza não fala: Pior desastre ecológico na Baía de Todos os Santos seria “culpa” de fenômeno da própria maré. **Jornal da Facom**, 2007. Disponível em:

<http://www.jornaldafacom.ufba.br/jornaldafacom2/v5/Reportagens/reportagem_14.html>. Acesso em: 12 de Jan. 2017.

Revista Educação e Ciências Sociais, Salvador, v.3, n.5, 2020.

Conforme Mutim (2007), Educação Ambiental é parte “vital e indispensável” para atingir objetivamente a meta da participação dos indivíduos e das comunidades locais/territoriais na tomada de decisões a respeito do patrimônio socioambiental, atribuindo a formação de educadores e outros segmentos da sociedade para atuarem como agentes no processo de consolidação do desenvolvimento local sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os problemas ambientais possuem desdobramento global, é o ser humano o protagonista das relações sociais que modificam a natureza e são por ela modificadas.

Ao descrever os ecossistemas educativos o manguezal e a Associação dos artesãos de Saubara, buscamos compreender o aprendizado como uma produção coletiva, entendendo as peculiaridades como construções sociais na qual cada ator social participa articulando ideias através de vivências e valores.

O processo de conhecimento produzido em Saubara ocorre de forma integrada com o meio e com outros seres vivos, em forma dinâmica e circular, entre autoprodução e dependência de recursos externos, em forma de nichos emocionais e racionais, que alimentam vínculos de pertencimentos e identificações, resultando em situações de ensino e aprendizagem.

Nos manguezais, a transmissão dos conhecimentos ocorre por gerações. A aprendizagem das atividades laborais se dá de forma pedagógica, pois se aprende desde cedo todas as fases do processo produtivo, da diversidade da fauna e flora ao preparo do alimento. Ao mesmo tempo, práticas simbólicas educam crianças, assim como pais e avós foram educados, percebendo o mangue e a maré como algo importante para suas vidas, deixando claro a importância da convivência intergeracional no processo de preservação das memórias e transmissão dos saberes.

Vimos pouco a pouco, pelas mãos de mulheres, as linhas vão se transformando em bicos, barras, apliques e outras peças como blusas, vestidos e colchas. A arte de entrelaçar fios é uma atividade exclusiva de mulheres em Saubara, herança familiar, tradição local, prática centenária. Por meio dessa atividade laboral/cultural, percebemos

Revista Educação e Ciências Sociais, Salvador, v.3, n.5, 2020.

a intensidade da relação na labuta diária das mulheres marisqueiras e rendeiras nos laços afetivos criados com o ambiente que servem de substrato para o trabalho nos bilros, sobre o qual dão significado ao lugar de vida e criam representações a partir dele, como “a flor da maré”.

Certa de que o cotidiano de Saubara produz um ecossistema educativo – lugar de produção dinâmica do ensinar e aprender onde ocorrem encontros e trocas que potencializam laços afetivos, traduzidos em pertencimentos e identificações, gerando situações educativas – finalizo afirmando, que os modos de vida da população da cidade ecoam positivamente no meio ambiente.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BULLARD, Robert (2005), **Ética e racismo ambiental**, *Revista Eco 21*, XV(98), s/p. Disponível em: <<http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=996>> Acesso em: 02 de nov. de 2018.

CANDAU, Vera Maria Ferrão **Reinventar a escola**. Petrópolis: RJ, Vozes, 2000.

COSTA, Francisco Xavier Pereira da; OLIVEIRA, Iolanda C. de; MELO NETO, José Francisco. de. **Incubação de empreendimento solidário popular: fragmentos teóricos**. João Pessoa: Ed da Universidade Federal da Paraíba, 2006 – capítulo Autogestão.

DOWBOR, Ladislau. **Educação e Desenvolvimento**. 03 de abril 2006. Disponível em: <http://www.apodesc.org/sites/documentos_estudos/arquivos/DesenvolvimentoEDUCA CAO_E_DESENVOLVIMENTO_LOCALLadislau%20Dowbor.pdf> Acesso em: 23 de mar de 2011

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

GANEM, Márcia. **Design Dialógico**: uma gestão criativa de tradições. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

JACCOUD. Mylène; MAYER. Robert. A observação direta e a pesquisa qualitativa. *In: A Pesquisa Qualitativa Enfoques Epistemológicos e metodológicos*. Tradução de Ana Cristina Nasser. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LACERDA, Luiz Drude de. Os manguezais do Brasil. *In: VANNUCCI, Marta. Os Manguezais e Nós*: Uma síntese de percepções. Tradução: Denise Navas Pereira. 2.ed. Revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna**: formas elementares da pós-modernidade. 1. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2012.

Revista Educação e Ciências Sociais, Salvador, v.3, n.5, 2020.

- MATURANA, R., Humberto; VARELA, Francisco. (Orgs.). **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Tradução: Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- MAUAD, Ana. **Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces**. Rio de Janeiro: Tempo, v.1, n. 2, 1996, pp.73-98.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia de percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro Moura. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fonte, 2011.
- MUTIM, Avelar Luiz Bastos, **Educação Ambiental e Gestão de Sociedades Sustentáveis: análise da articulação de processos educativos formais e não formais como estratégia para a gestão do desenvolvimento local sustentável**. In: **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 16, n. 28, p. 113-119, jul./dez., 2007.
- NUNES, Eduardo, SANTOS, Marcos, e BARRETO, Maria Raidalva. **O Observatório de educação de jovens e adultos e a educação popular no território do sisal – Bahia**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 24, n. 43, p. 183-197, jan/jun. 2015.
- SANTOS, Adalberto Silva. **Tradições populares e resistências culturais: políticas públicas em perspectiva comparada**. Salvador: EDUFBA, 2011.
- SANTOS, Boaventura Sousa. **Um mapa de alternativa de produção**. In: **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002 (Reinventar a emancipação social: novos manifestos; 2), (32-57).
- SANTOS, Milton. Território e Dinheiro. In: INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA. **Revista GEOgraphia**. Niterói: UFF, 1999. Disponível em: <http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/2> . Acesso em: 02 de Nov. 2018.
- SCHAEFFER-NOVELLI, Yara. **Situação atual do grupo de ecossistemas: “manguezal, marisma e apicum”** incluindo os principais vetores de pressão e as perspectivas para sua conservação e usos sustentável. Disponível em: <http://www.anp.gov.br/brnd/round5/.../manguezal_marisma_apicum.pdf>. Acesso em: 17 Jun. 2013.
- TUAN, Yi Fu. **Topofolia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.
- TUAN Yi Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.
- UNESCO. **Dia Internacional para a Conservação do Ecossistema Mangue**. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/brasilia/about-this-office/single-view/news/first_international_day_for_the_conservation_of_the_mangrove/>. Acesso em: 13 de Jun. 2017.
- VANNUCCI, Marta. **Os Manguezais e Nós: Uma síntese de percepções**. Tradução: Denise Navas Pereira. 2.ed. Revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.